



"EU NÃO VENDO ROUPAS. EU VENDO LUXO"



"A BUTIQUE MAGRELLA, A DASLU DE BRASÍLIA, DÁ DE DEZ A ZERO EM MARIA ANTONIETA, O FILME DE SOFIA COPPOLA QUE GANHOU O OSCAR DE FIGURINO"



MAGRELLA É O ESPELHO DE CLEUZA. O ALTEREGO DE UMA MULHER QUE SABE O QUE QUER



ELA É ASSIM. Não tem medo de dizer o que pensa e faz o que acredita. Em 1986, quando o Governo Sarney inventou o Plano Cruzado, um jornalista perguntou como é que ela iria tabelar suas roupas "caríssimas". A resposta inevitável veio a galope: "Eu não vendo roupas. Eu vendo luxo". Essa é Cleuza Ferreira. Mulher forte, determinada e antenada. Autora de um estilo chamado Magrella.

DESDE A SUA CRIAÇÃO, em 1972, a Magrella teve um toque especial. Suas camisetas, calças e adereços sempre foram mais atraentes que as demais. Cleuza sabia ver além das aparências, perceber as tendências e organizá-las na sua vitrine. Nós, adolescentes de um tempo em que o Rio de Janeiro era a grande referência de comportamento, aguardávamos, ansiosas, os últimos lançamentos cariocas selecionados pelo olhar arguto de Cleuza.

BATIZADO ORIGINALMENTE COMO MILONGA, o estilo Cleuza virou Magrella e atravessou três décadas e meia. Nesses 35 anos adaptou-se a dezenas de planos econômicos, marcou ponto em diversos endereços, recriou-se sob novos formatos, buscando sempre alinhar Brasília com as novas tendências da moda, introduzindo novos estilistas, promovendo festas memoráveis e os desfiles mais bem produzidos da capital.

COMO UM FÊNIX, a Magrella acaba de recriar-se. Renasceu com 1.500m², distribuídos em três andares de beleza, exclusividade, elegância e luxo. Não foi por acaso que o Caderno C da Folha de São Paulo, de 25 de março, dedicou uma página à inauguração da Magrella. A matéria, assinada pelo jornalista Paulo Sampaio, estabeleceu um paralelo entre a Magrella e o premiado figurino do filme *Maria Antonieta*, de Sofia Coppola: "(...) como retrato de época, a festa de inauguração do novo prédio da butique Magrella, a Daslu

de Brasília, dá de dez a zero em *Maria Antonieta*, o filme de Sofia Coppola que ganhou o Oscar de figurino".

DE FATO, TUDO ISSO É MAGRELLA. E sua inauguração deu o que falar nas páginas das revistas e jornais de Brasília e do Brasil. Porque Cleuza tem o que dizer e coragem para fazer. Reconhecida como uma instituição da cidade, ela é um dos casos raros de visão empresarial. Sempre soube a importância do luxo enquanto negócio. Mais do que vender roupas, ela vende estilo, tendência e atitude. Um jeito de ser. Cleuza sinaliza comportamento.

ANTENADA, INCORPOROU À MODA OUTROS ATRATIVOS. Em sua nova Casa Magrella, multiplicou as possibilidades. Instalou uma Champanharia com drinks, quiches e bombons. Na cobertura, um belíssimo jardim, assinado pelo talentoso paisagista Gilberto Elkis, foi criado para o deleite dos clientes que querem refrescar nas tardes quentes ou olhar a lua nas noites estreladas. Uma revistaria e um bistrô serão abertos em breve e irão completar os serviços, cuidadosamente planejados para oferecer satisfação em todos os sentidos.

MAGRELLA É O ESPELHO DE CLEUZA. O alterego de uma mulher que sabe o que quer e conjuga como poucas ousadia e sofisticação. Pratica o luxo sem culpa porque não tem pretensão, exagero ou vulgaridade. Conhece alma das suas clientes e as estimula. Sabe informar as novidades e tem senso crítico e olhar apurado. Percebe o que vai ser tendência e coloca em prática. Como Diana Vreeland ou Mademoiselle Chanel, Cleuza atravessou o tempo colocando em prática suas crenças, sua percepção aguda sobre a vida, seu olhar preciso sobre o belo e criou um estilo. Um jeito Magrella de ser, onde o luxo e o supérfluo não traduzem o esnobismo ou a presunção, mas uma necessidade fundamental.